

## Representação e Vivência do Espaço Urbano: um Estudo sobre a Construção Identitária no Parque das Flores, São Paulo<sup>1</sup>

Fernanda de Freitas LIMA<sup>2</sup>

Clarissa Sanfelice RAHMEIER<sup>3</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### RESUMO

O presente artigo é um desdobramento da pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Representação e vivência do espaço urbano: um estudo sobre a construção identitária no Parque das Flores, São Paulo*. Seu objetivo foi investigar os possíveis impactos que a plataforma de mapeamento digital *Google Street View* tem na representação do Parque das Flores e na construção identitária de seus moradores e frequentadores. O referencial teórico apoiou-se em Tilley (2014), Merleau-Ponty (2002), Rahmeier (2007), e Hall (2015), Lemos (2004) e Miller (2016). As etapas metodológicas foram pesquisa Documental, Netnográfica e de Campo. Para tanto, os resultados mostraram que o espacialmente excluído na realidade virtual corresponde a ser excluído na realidade social. A falta de mapeamento digital limita a experiência do espaço em sua concretude.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Ciberespaço; Cidade-ciborgue; *Google Street View*; Parque das Flores.

### IDENTIDADE, CIDADE E CIDADE-CIBORGUE

Desde o momento em que nascemos até nossa morte, nossa identidade é construída a partir do nosso contato cotidiano com espaços, com as coisas e com as pessoas, isto porque nossa percepção e entendimento de mundo se dá a partir dos cinco sentidos (TILLEY, 2014). E são essas experiências sensoriais cotidianas que constroem continuamente significados para estes espaços, coisas e pessoas com que entramos em contato, formando, assim, um mundo de caráter simbólico que é traduzido em nossa identidade.

Entender que nosso entendimento de mundo é sensitivo (relativo aos sentidos) é entender o corpo como condição da existência humana; e este mesmo corpo nos limita

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07- Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Recém-Formada do Curso de Ciências Sociais e do Consumo da ESPM-SP, e-mail: [limafl.fe@gmail.com](mailto:limafl.fe@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Ciências Sociais e do Consumo e Comunicação Social da ESPM-SP, e-mail: [clarissasanfelice@espm.br](mailto:clarissasanfelice@espm.br)

---

a dialogar com o mundo a partir dos cinco sentidos. Melhor dizendo, só somos capazes de projetar significados sobre o mundo a partir das percepções sensoriais que se encontram estritamente vinculadas ao corpo que habitamos.

Neste sentido, os espaços em sua materialidade são capazes de direcionar nosso ser-no-mundo, isto porque, nosso corpo – ponto de partida para nossa existência – habita estes espaços. Nós criamos concepções sociais e culturais que adquirimos a partir de uma vivência corporal, e que dão sentido simbólico a nossa existência (MERLEAU-PONTY, 2002).

Sendo assim, podemos afirmar que o espaço é o elemento constituinte da identidade. Segundo Gaston Bachelard (apud PALMA, 2013) o espaço dá sentido à existência humana, já que existimos nestes espaços. Dentre os inúmeros espaços de existência está o ambiente urbano da cidade.

Espaço privilegiado do convívio social, a cidade configura uma paisagem resultante de interferências sociais e políticas que podem ser percebidas em sua disposição arquitetônica e nos diversos fluxos que a compõem e a fazem dinâmica.

A cidade sofre constantes transformações em sua paisagem, o que permite sua expansão para além do físico e material, configurando novas possibilidades de espaço, como o ciberespaço. A cidade-ciborgue é um termo abordado pelo autor André Lemos (2004) para designar a forma atual do espaço urbano, dada a relação entre cidades e telecomunicações na sociedade da cibercultura e da era pós-industrial.

A cidade-ciborgue é a cidade da cibercultura, preenchida e complementada por novas redes telemáticas — e as tecnologias daí derivadas, internet fixa, wireless, celular, satélites etc. — que se somam às redes de transporte, de energia, de saneamento, de iluminação e de comunicação (LE MOS, 2004, p. 130).

As cidades-ciborgues são capazes de reconfigurar os centros urbanos, num ambiente que conecta as estruturas materiais da cidade ao humano, social e tecnológico. Um fácil exemplo de reconfiguração do espaço pelas redes telemáticas é o caso da empresa *Uber*. O *Uber* é um aplicativo de prestação de serviços eletrônicos, uma espécie de “carona remunerada”, onde uma pessoa pede pelo aplicativo a corrida e o motorista busca e deixa a pessoa no local indicado por ela, tudo isso funciona baseado na localização de ambos, o que gera maior autonomia ao prestador de serviços e ao usuário. O consumo do *Uber* foi capaz de reestruturar aspectos da mobilidade urbana e ressignificar o uso das cidades.

---

O desenvolvimento das redes telemáticas foi capaz de fragmentar a ideia de espaço e tempo, os espaços continuam intactos, os mesmos, mas a noção de tempo entre eles muda (SANTOS, 2002). Neste cenário, o território não é mais primordial e o espaço-tempo está cada vez mais fragmentado, onde as distâncias se encurtam e o trânsito entre um local e outro é mais dinâmico e não implica necessariamente no contato físico. Essa fragmentação do espaço-tempo é traduzida na fragmentação identitária do sujeito, isto é, o sujeito deixa de possuir uma identidade estável e passa a ser fragmentado, composto por várias identidades (HALL, 2015).

O desenvolvimento da tecnologia somado às novas noções de tempo permite o entendimento da realidade tangível além do corpo. O corpo além do corpo, que é passível de fragmentação identitária. Ou seja, por conta do desenvolvimento das tecnologias da informação que geram a fragmentação do espaço-tempo, o sujeito passa a viver em contato contínuo com diferentes realidades existentes – que vem de diferentes partes do mundo e do ciberespaço –, e esta relação modifica e descentraliza o sujeito.

### **GOOGLE STREET VIEW E SEU NÍVEL SIMBÓLICO**

Distinto de outros dispositivos de mapeamento geográfico disponíveis no mercado, o *Street View*, recurso da empresa *Google*, se destaca por ser uma ferramenta de geolocalização que propõe revelar o mundo “no nível da rua”, isto é, a partir da perspectiva de uma pessoa comum. Além de facilitar a circulação e locomoção, é em razão de disponibilizar uma perspectiva tangível aos sentidos humanos - no caso a vista de um lugar - que a ferramenta desperta tanto interesse nos indivíduos, fazendo com que os mesmos queiram se encontrar no mapa. O mesmo interesse, portanto, não se aplica aos mapas que fazem uso de imagens panorâmicas (como o *Google Maps*), já que sua interface se distancia da nossa capacidade corpórea.

O registro das imagens que compõem o *Google Street View* é feito por meio de uma câmera acoplada ao topo de uma bicicleta, carro, ou mesmo carregada por uma pessoa a pé. O conjunto das imagens capturadas são posteriormente agrupadas, através de computação gráfica, a fim de formar panoramas em 360 graus. A junção desses panoramas cria um percurso que simula o espaço fotografado e que pode ser percorrido dentro do mundo digital como se o usuário estivesse de fato “caminhando” pelas ruas. A locomoção, por meio da plataforma, incita imersão no mundo virtual e ligação com a realidade física do lugar.

---

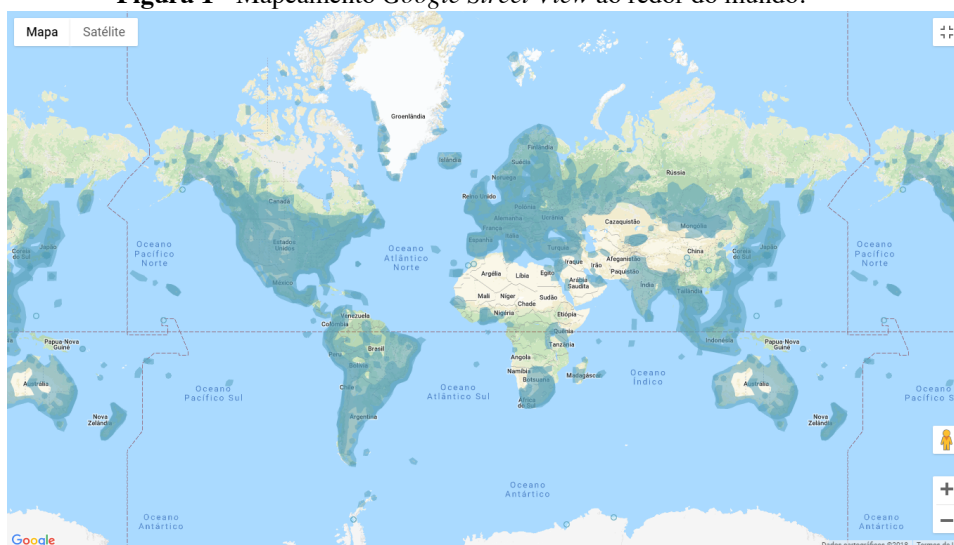
Segundo Lia Scarton Carreira (2007), para que o usuário confie na plataforma e a utilize como mecanismo de orientação é necessário que a plataforma estabeleça uma relação com o conceito de verdade atribuído à imagem fotográfica, isto é, a experiência não deve ser limitada apenas ao mundo virtual, mas assegurar correspondência ao real.

A fotografia, portanto, é peça fundamental para a diferenciação da plataforma em relação a outros mapas, já que o usuário “anda” ou “se locomove” pela representação do espaço físico e espera encontrar similaridades com seu equivalente na materialidade do espaço urbano. Portanto, para que a plataforma gere identificação e pertencimento é preciso que os moradores e os frequentadores do local se reconheçam nela. Ao ver a avenida do seu bairro, a fachada da casa onde mora ou a escola em que estudou, ele se percebe dentro do ambiente virtual, se encontra. E ao se encontrar, o usuário é capaz de se apropriar do conteúdo disponibilizado e aplicar o conceito a outros contextos, o que permite a criação de narrativas próprias para a plataforma.

Isto posto, surge a reflexão: que narrativas são produzidas quando os indivíduos não se veem ou não se reconhecem no espaço digitalizado? Que narrativas são produzidas a partir da ausência e da não representação? Entendendo que a atual conjuntura do espaço urbano ao conectar o social, o sensorial e o digital é capaz de orientar nosso ser-na-cidade, essas questões se tornam cruciais. Se, por um lado, o acesso online à cidade pode democratizar a acessibilidade urbana, a falta de acesso pode contribuir para a criação de desigualdades (MILLER, 2016).

Abaixo uma imagem (captura de tela) que mostra o alcance que o *Google Street View* tem pelo mundo [FIGURA 1] – os espaços manchados em azul escuro em territórios no mapa são os espaços mapeados –, pela imagem conseguimos desconstruir a noção de que a plataforma atinge a todos, e conseqüentemente, a ideia de que os meios digitais nos permitem acesso ilimitado a informações de todo o mundo.

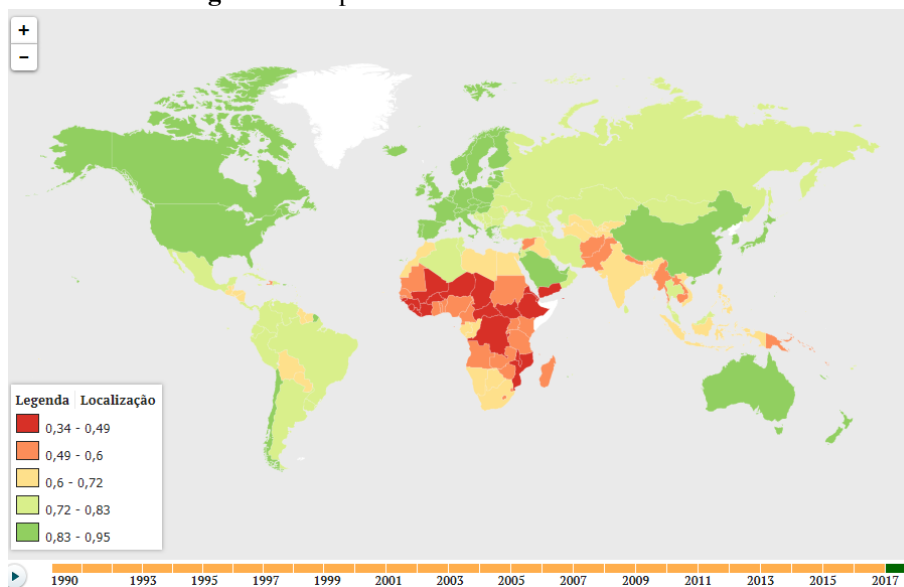
**Figura 1 - Mapeamento Google Street View ao redor do mundo.**



Fonte: Captura de tela no *Google Street View*. Acesso em: 29 ago. 2018.

A exemplo de comparação, abaixo está um mapa ordenado do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (2012) [FIGURA 2].

**Figura 2 - Mapa ordenado IDH ao redor do mundo.**



Fonte: *United Nations Development Programmed (UNDP)* via *Knoema*<sup>4</sup>.

Os países avermelhados têm – segundo os parâmetros do índice – um menor desenvolvimento humano, e os esverdeados um maior desenvolvimento. Não desenvolveremos aqui os dilemas de um índice que mede diferentes países e culturas pelos mesmos parâmetros, mas é necessário ressaltar que esse mapa tem suas

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://pt.knoema.com/atlas/maps/%C3%8Dndice-de-Desenvolvimento-Humano> >  
Acesso em: 12 out. 2018.

similaridades com o mapa do *Google Street View*. Os países amplamente mapeados são aqueles com maior IDH, e vice-versa. Sendo assim, é possível relacionar os critérios de mapeamento do *Street View* com a ordem social e suas hierarquias e, ainda, relacionar o não mapeamento de certos locais e sua realidade socioeconômica. Ser espacialmente excluído na realidade virtual pode corresponder a ser excluído na realidade social, categorizando os que pertencem e os que não pertencem.

Se retomarmos a ideia de que a identidade é construída a partir das nossas experiências, nossa identidade acaba sendo primordialmente construída pelo lugar, já que o lugar é o meio para experiência, e que “ser humano é ser vinculado a uma localidade de maneira fundamental” (TILLEY, 2014, p.50). Sendo assim, trazemos duas formas de pensar os impactos da falta de mapeamento:

A primeira é entender que a pessoa que reside em um local não mapeado pelo *Google Street View* talvez não sinta falta ou necessidade deste mapeamento, afinal ela constrói a experiência deste local de maneira tangível e mais multifacetada do que a proposta pela plataforma, já que ela convive com o que vai além da imagem que poderia estar disponibilizada.

A segunda é entender que se a imagem de um determinado local não está disponível, ela deixa de existir no nível simbólico para aqueles que não têm contato tangível – pelo 5 sentidos – com o local. Aquele que usa a plataforma para ter acesso a espaços não conhecidos, ao se deparar com espaços não mapeados fica impedido de experencia-los, fazendo com que ele os imagine (em grande parte guiada pelo que a mídia veicula a respeito destes espaços) ou ele os ignore, o que leva a deturpações e estereótipos.

Se para ser um mecanismo de orientação espacial, a plataforma simula de maneira verossímil a existência daquele que frequenta o espaço concreto, quando não encontramos vestígios cotidianos de uma determinada realidade dentro da plataforma, podemos concluir que aquele espaço é excluído socialmente, o que nos leva a inferir que as pessoas que nele vivem também o são.

Para melhor entender os impactos da falta de mapeamento pelo *Google Street View* na identidade e no senso de pertencimento dos sujeitos abordaremos o Parque das Flores, região não mapeada pela plataforma [FIGURA 3]. Na figura, as linhas brancas são as ruas e avenidas reconhecidas pelo satélite, mas só as linhas que estão em azul são mapeadas pelo *Google Street View*. E a área delimitada em vermelho é o bairro que foi estudado.

**Figura 3 - Vista via mapa do Parque das Flores pelo Google Maps.**



Fonte: Captura de tela no *Google Maps*. Acesso em: 14 ago. 2018.

## PARQUE DAS FLORES E AS IMPLICAÇÕES DA NÃO REPRESENTAÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), em São Paulo os aglomerados subnormais (moradias irregulares) são periféricos e estão dispersos pela cidade. Grande parte deles encontra-se na Zona Leste, próxima aos limites com os Municípios de Guarulhos, Ferraz de Vasconcelos e Mauá (IBGE, 2010), como é o caso do Parque das Flores. O Parque das Flores, bairro localizado no distrito de São Rafael, é um dos tantos espaços urbanos não mapeados pelo *Street View*.

Podemos pensar, num primeiro momento, que a falta de mapeamento do Parque das Flores pode estar relacionada à dificuldade da *Google* em mapear terrenos irregulares ou ir além de barreiras geográficas e ambientais. Ainda assim, é necessário ressaltar dois aspectos centrais do *Street View*: 1) o equipamento de mapeamento não se limita ao carro – existem outros como *trekker* (equipamento-mochila para carregar nas costas), triciclo, moto, carrinho para locais fechados, etc.; e 2) que a ferramenta já alcançou lugares quase inacessíveis, como, por exemplo, o Parque Nacional Quttinirpaaq, o segundo maior parque do Canadá. Localizado no extremo norte do continente Americano, na Ilha Ellesmere, a cerca de 800 quilômetros do Polo Norte, o parque é visitado por apenas 50 pessoas por ano, segundo estimativas (NEXO, 2017).

Para além do *Street View*, ao fazer uma pesquisa rápida no *Google* sobre a Zona Leste em São Paulo, as primeiras respostas são de notícias relacionadas a violência, como assaltos, tiroteios e assassinatos.

---

A *Wikipédia*, até 2019, referia-se a Zona Leste de São Paulo como “desconceituada por conta das habitações precárias e dos altos índices de pobreza e criminalidade relativas existentes na região.” (WIKIPÉDIA, 2018). Ao longo da pesquisa e em contato com os moradores do Parque das Flores, entendemos editar a página e retirar esse trecho era essencial na tentativa de romper com a hegemonia de determinadas narrativas. Mesmo não sendo uma fonte confiável a *Wikipédia* tem sua relevância em termos numéricos, posto que teve desde 01/07/2015 até 20/11/2018 o total de 312.070.494.535 acessos, o que dá em média 251.872.877 acessos por dia (WIKIPÉDIA, 2018).

As notícias que relacionam a Zona Leste de São Paulo à violência não são de hoje. Em 1998, a *Folha de São Paulo* vinculou uma reportagem com o título '*Capital*' do crime está na zona leste fazendo referência à violência e as habitações precárias, como favelas e cortiços (FOLHA DE SÃO PAULO, 1998). Com este argumento não busco questionar a veracidade das notícias, mas que elas, ao serem ancoradas em dois aspectos centrais - violência e habitações precárias – generalizam o espaço e seus habitantes e contribuem para a construção de uma visão de estereótipos. Na ausência da experiência concreta dos lugares, ou somando-se a elas, as representações veiculadas pela mídia afetam tanto as pessoas quanto as narrativas ligadas a estes lugares.

Neste momento, serão levantados os pontos de destaque coletados em campo (Parque das Flores) com o intuito de corroborar para as reflexões centrais, sendo elas: o *deslocamento simbólico-espacial*, o *paradoxo das representações* e as *limitações de mundo*. Estas reflexões centrais relevam o material coletado e os resultados de pesquisa.

### ***Deslocamento simbólico-espacial***

O Parque das Flores, em seu território, pertence a cidade de São Paulo de maneira categórica. Não se pode dizer o contrário, afinal o bairro pertence ao município. Contudo, em determinado campo, não pertence. Campo este que une materialidade e representação. Em outras palavras, quando os moradores e frequentadores do Parque das Flores distanciam o bairro da cidade de São Paulo, esta distância não é territorial, mas simbólico-espacial – reunindo representação e materialidade, critérios capazes de desarticular estes dois lugares.

Propusemos no decorrer deste artigo que os espaços em sua materialidade são capazes de direcionar nosso ser-no-mundo, isto porque, criamos concepções sociais e



---

culturais que adquirimos a partir de uma vivência corporal (MERLEAU-PONTY, 2002). Neste sentido, a vida vivida no Parque das Flores se diferencia de outras vivências na cidade e vice-versa, mesmo que análogas em sentido a vivência corporal não é a mesma, isto ocorre porque – além das concepções individuais de cada um – a paisagem não é a mesma.

A paisagem, ao reunir em sua conjuntura geográfica: “lugar, estrutura do sentimento humano, emoção, permanência, movimento e práticas” (TILLEY, 2014, p.50), atrela-se as concepções sociais e culturais presente na sociedade contemporânea e, por consequência, acaba por revelar uma ordem social. A casa não pintada no Parque das Flores revela uma realidade diferente da casa pintada no Jardim Paulista, assim como a e a falta do mapeamento digital.

O Parque das Flores é um aglomerado subnormal na Zona Leste de São Paulo, distante do centro, com a maior parte das ruas não pavimentadas, casas não pintadas e falta de ambientes formais ligados à cultura. Tal materialidade, somada as informações vinculadas na mídia ou até a falta dessas informações criam representações, que revelam um distanciamento simbólico da cidade de São Paulo.

Este aspecto pode ser percebido na fala de moradores, como por exemplo:

Caso 1: O entrevistado distanciou em sua fala o Parque das Flores da cidade de São Paulo, como passou a ser uma declaração comum, a bolsista decidiu perguntar: mas aqui não é São Paulo? E a resposta foi: "Menina olha para o lado, você conhece São Paulo, é assim? [fazendo referência as ruas não asfaltadas e ao lixo exposto] então não tem como ser São Paulo. É cada uma."

Caso 2: O entrevistado contou que não se “dá bem” com a tecnologia, portanto, não conhecia o *Google Street View*. Contudo, uma vez no trabalho, seus colegas começaram a mostrar suas casas no *Street View*, segundo ele era uma espécie de brincadeira. “Quando foram procurar a minha, não tinha. [...] Aí, o menino que estava olhando as casas falou que era óbvio que não ia dar para achar, se desse, não ia ser na Zona *Lost* [fazendo referência a Zona Leste]”. O entrevistado relatou achando graça da situação e concordando com o colega de trabalho.

Caso 3: A entrevistada contou que há pouco tempo começou a trabalhar em um shopping “em São Paulo” [distanciamento]. Ela disse que suas colegas de trabalho tratavam ela como alguém inferior, só por conta do lugar em que ela mora que, segundo

ela, as meninas não conheciam, mas supunham. Ela contou que foi percebendo através dos comentários em relação a longa jornada de trabalho que eram sempre negativos, como se ela morasse no “fim do mundo”. Até que “uma vez a gente saiu para comer e uma das meninas queria me explicar tudo, me tratou como se tudo fosse novidade para mim. Aí, perguntei porque ela estava fazendo isso. Ela disse que era porque achava que eu nunca tinha ido em um lugar assim, mas era um restaurante normal, que tem em todo lugar”.

Neste mesmo aspecto, existe uma outra face deste deslocamento, nas conversas, era comum que entre uma frase e outra a pessoa declarasse uma distância identitária em relação ao bairro. Isto é, ao fazer um comentário falava: “as pessoas aqui”, “elas”, “o pessoal aqui” e assim por diante. Eram raros os casos em que o entrevistado se incluísse na fala, a inclusão ocorria a fim de ressaltar os pontos positivos do bairro. Além disso, era comum que as considerações positivas sobre o bairro envolvesse pessoas, mas não o espaço em si, por exemplo: “eu gosto de morar aqui, porque toda a minha família mora aqui”, “eu gosto de morar aqui, porque fui muito bem acolhida quando cheguei” ou “eu gosto de morar aqui, porque todo mundo está sempre se ajudando”. Ninguém mencionou aspectos físicos do bairro – estrutura, acessibilidade, comércios, mobilidade e etc. – como uma questão positiva, todos estes aspectos sempre eram mencionados ao fazer uma crítica ao bairro. Como por exemplo:

Caso 4: O entrevistado contou que gosta de morar ali. Segundo ele, não é por conta do espaço físico, afinal “esse lugar não merece as pessoas que tem”, mas sim, por conta das pessoas. “A gente dá o melhor para manter o bairro bonito, mas não dá para fazer isso sozinho. A prefeitura vira e mexe some, não enxerga o potencial”. Ele também disse que o bairro não é só o espaço, mas as pessoas e completou dizendo “mente milionária no corpo de um favelado”.

### *Paradoxo das representações*

Este paradoxo surge ao analisar a visão dos moradores/frequentadores do Parque das Flores sobre o bairro, que percebem a negligência ao bairro como o plano de fundo de sua própria existência. E está dividido em duas esferas: a recusa e o olhar. A recusa é a negação a qualquer intervenção no bairro que venha de fora dele, isto é, os moradores relatam que o bairro não precisa de ajuda, seja ela social, política, governamental ou

privada. Já o olhar está diretamente relacionado à recusa: isto porque, ao mesmo tempo em que os moradores negam qualquer ajuda ou intervenções que venham de fora do bairro, é possível perceber que, de alguma maneira, eles não sentem que o local é digno dessa ajuda, desse olhar. É como se aquele espaço não fosse negligenciado à toa, mas porque não merece atenção.

Um exemplo (Caso 5) foi o motorista de *Uber* que conduziu a bolsista até o bairro. Conforme o carro adentrou o bairro ele percebeu que o *Waze* (aplicativo de geolocalização e mapeamento) estava indicando o caminho que ia “por trás” do bairro que, segundo ele, era mais perigoso que o caminho “da frente”, ele indicou não fazer aquele caminho quando voltasse, porque além de não ser asfaltado era muito perigoso. Ainda assim, como viu um ônibus entrando na rua indicada pelo *Waze* (“de trás”) decidiu continuar, afinal “até o ônibus anda aqui”. Neste caminho, algumas ruas não eram asfaltadas, mas eram minoria. Em uma delas foi avistado um restaurante japonês (quadrado vermelho) [FIGURA 4] e foi quando o motorista falou, “a rua é de barro, mas não falta o restaurante japonês. Onde esse povo vai parar”.

**Figura 4** – Imagem do restaurante *Sushi São Mateus* no *Google Street View*.



Fonte: Captura de tela *Google Street View*.

Esta fala afirma este olhar para o bairro, que não se vê digno de determinadas intervenções. É como se o espaço, em sua materialidade, falasse o que pode e o que não pode no bairro. É como se a estrada de terra desvalidasse a existência de um restaurante japonês naquele lugar. Nas conversas, foi possível perceber que não é espanto para ninguém saber que o *Street View* não mapeou o bairro: para seus moradores o fato de o *Google* não chegar até lá é só um, dentre vários não, que eles recebem. O não mapeamento é um reflexo político-social.

---

### As limitações de mundo

As limitações afetam o mundo vivido, percebido e narrado. As *limitações de mundo* evidenciam a interferência do olhar do outro na nossa construção identitária. Quando a representação que o outro têm de nós é limitada, não só o conhecimento de mundo dele é limitado, mas também a nossa realidade é, em parte, limitada, isto porque a nossa identidade se constrói na relação com o outro.

O ciberespaço, desloca as noções de espaço tempo e ao fazer isso, altera as estruturas socioculturais pré-existentes (LEMOS, 2004), podemos dizer que os espaços digitais e físicos se acrescentam e se alteram. A exemplo se encontra a cidade-ciborgue, que ao conectar o social, tecnológico e urbano possibilita a emergência de experiências que interrelacionam o presencial e o virtual e, por consequência, reestruturam e ressignificam a cidade (LEMOS, 2004). Ao simular a existência dos espaços, o *Street View* faz parte de um contexto onde o ciberespaço influencia nosso ir e vir na cidade, criando novas possibilidades de interação. A sua falta, portanto, limita estas novas possibilidades de uso e consumo do espaço.

O não mapeamento pelo *Google Street View* é um retrato de como a falta de narrativas no meio online (na plataforma) impacta a vivência daqueles que habitam o Parque das Flores. Isto porque não é apenas *Google Street View* que não alcança o bairro, mas diversos outros dispositivos que dependem da geolocalização, como é o caso da *Uber*, *Cabify*, *iFood*, *UberEats* e *Rappi*. Como proposto por Rocha (2006), o ato de consumir extrapola barreiras monetárias e esbarra na diferenciação, ao construir e comunicar uma estrutura de diferenças (ROCHA, 2006, p. 27) que têm efeitos sociais imediatos, possibilitando distinções e construções identitárias. Neste sentido, a falta ou a presença de serviços que dependem da geolocalização distinguem, não apenas os lugares, mas as pessoas pertencentes a estes lugares. Isto pode ser percebido na fala de um dos moradores do Parque das Flores: “parece que essas empresas esquecem que a gente também consome e têm dinheiro para isso”. A título de exemplo:

Caso 6: Os entrevistados contaram um episódio que eles tinham ido visitar a Av. Paulista em um domingo, mas que tinham se atrasado para o horário do culto, então decidiram pedir um *Uber* e dividir o valor, assim que o *Uber* aceitou o motorista mandou mensagem perguntando o local de destino, eles informaram onde era, e ele disse que não conhecia, e eles mandaram “Zona Leste divisa com Mauá”, logo depois o motorista cancelou. Segundo eles é comum que isso aconteça, além disso nunca tem carro

---

disponível no bairro, “é uma zona fantasma, tem que dar muita sorte para pegar um *Uber* por aqui”.

Caso 7: A entrevistada já havia usado o *Google Street View* – principalmente para localizar os lugares. Ela contou que a falta de mapeamento atrapalha o dia a dia dos moradores, coisas simples como receber cartas na porta de casa, "aqui não é tão simples".

Caso 8: O entrevistado é dono de uma mercearia no Parque das Flores. Ele contou que agora tem conta e foto no *Google*, assim pode responder aos clientes e colocar o horário de funcionamento. Quem fez isso foi o filho dele, já que ele não sabe usar a internet. Também comentou que a última vez que o *Google* foi lá, foi em 2012 e desde então muita coisa mudou. A rua em que fica a mercearia é mapeada, mas a mercearia foi construída depois de 2012, então não está na plataforma como deveria estar. “Meu filho viu e decidiu mudar isso, aí tirou uma foto nossa e colocou lá, alguns clientes até comentaram e agora a gente aparece se alguém pesquisa, aí mais gente acha a gente, e isso dá uma força para o negócio”.

## CONCLUSÃO

Considerando que o mapeamento digital pode contribuir para tirar áreas da invisibilidade real, reconhecendo-as como parte da cidade, torna-se relevante entender em que medida a ausência de mapeamento pelo *Google Street View* impacta na construção identitária e na realidade social dos moradores e frequentadores do Parque das Flores.

A ausência também representa; isto é, a falta de informação, de mapeamento, de notícias e de representações significam também o lugar e, ademais, a ausência reduz o entendimento do lugar. E esta redução afeta tanto aqueles que não conhecem o local pela realidade tangível – porque para eles aquele lugar não existe no nível simbólico – quanto aqueles que habitam o lugar – porque são pouco representados. Neste sentido, a falta do *Google Street View* é capaz de impedir uma narrativa, e os reflexos da falta de mapeamento implicam em outras formas de não existência ou no fortalecimento do estereótipo de que o Parque das Flores é um lugar precário e violento. Estar “dentro” e “fora” do *Street View* não é só digital ou espacial, mas político-social.

Partindo deste ponto, o não mapeamento do Parque das Flores não só representa a limitação do direito à cidade, como reforça a exclusão social aliada a esse espaço. O mapeamento digital, por outro lado, seria capaz de proporcionar visibilidade,

contribuindo para desmistificar o espaço em questão, mesmo que em nível simbólico, e ampliar as relações econômicas, sociais e identitárias com o bairro.

Ao focar na falta de mapeamento pelo *Street View* é possível dizer que as preferências estão ligadas a questões de fragmentação e hierarquização das cidades e, conseqüentemente, aos modelos de vida pertencentes a ela. A visibilidade urbana é assimétrica e desigual, e no Parque das Flores a distinção ou invisibilidade territorial é uma das diversas faces da desigualdade social.

Diariamente, ao viver a cidade, estabelecemos rotinas corporais que afetam a maneira como interagimos com os espaços físicos. Alguns aspectos desta influência acabam por serem internalizados e refletidos na nossa identidade de forma não reflexiva. Nessa lógica, a distinção territorial extrapola a dimensão física e atinge caráter simbólico, já que espaços de convivência são ligados a um universo de imagens, narrativas, discursos e comportamentos que representam sujeitos. No ambiente virtual o mesmo acontece: a visibilidade virtual influencia a visibilidade corpórea e vice-versa.

De forma geral, no Parque das Flores a falta do *Google Street View* representa outras faltas. Estas faltas, mesma que advindas do digital, limitam a experiência do espaço em sua concretude. Isto porque, o ciberespaço acrescenta a experiência na cidade e, portanto, alterar e ressignificar o funcionamento da cidade e do ser-na-cidade – atingindo identidade e percepção. Além disso, a falta do *Google Street View* somada à ordem social, as informações vinculadas na mídia ou até a falta dessas informações criam representações limitantes e não plurais, que dão voz as narrativas que contribuem para segregação e a criação de estereótipos. No Parque das Flores ser espacialmente excluído na realidade virtual corresponde a ser excluído na realidade social, estabelecendo hierarquias no mundo social e categorizando os que pertencem e os que não pertencem.

## REFERÊNCIAS

CARREIRA, Lia. A apropriação das imagens do Google Street View: Mishka Henner e a narrativa sobre a margem. In: V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2012, Goiânia. V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual - Geopolítica, arte e cultura visual, 2012. v. 1. Disponível em: <[http://deploy.extras.ufg.br/projetos/seminariodeculturavisual/images/anais/67\\_a\\_apropriacao\\_da\\_s\\_imagens\\_do\\_google\\_street\\_view.pdf](http://deploy.extras.ufg.br/projetos/seminariodeculturavisual/images/anais/67_a_apropriacao_da_s_imagens_do_google_street_view.pdf)> Acesso em: 3, ago. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Capital do crime está na Zona Leste. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff040106.htm>> Acesso em: 11, nov. 2018.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª edição. 1ª reimpressão. Vozes para Lamparina editora, 2015.

IBGE. Censo demográfico 2010. Aglomerados subnormais: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd\\_2010\\_aglomerados\\_subnormais.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf)> Acesso em: 20, mar. 2018.

LEMOS, André. Cidade Ciborgue: As cidades na Cibercultura. Galáxia, São Paulo, v. 8, n. out. 2004, p. 129-148. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1385/866>> Acesso em: 16, ago. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Palestras. Lisboa: Edições 70, 2002.

MILLER, Daniel and Coauthors. How the World Changed Social Media Book. Published by: UCL Press. (2016) Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/j.ctt1g69z35.16>> Acesso em: 13, nov. 2018.

NEXO JORNAL. Este parque é um dos locais mais remotos do planeta – e pode ser visitado on-line. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/10/23/Este-parque-é-um-dos-locais-mais-remotos-do-planeta.-E-pode-ser-visitado-on-line>> Acesso em: 12, mar. 2018.

PALMA, Daniela. O concreto e o imaginário: uma praça e seus sentidos sociais. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS): Dilemas e desafios na contemporaneidade, 2013.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TILLEY, Christopher. Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica. Vestígios – revista Latino-Americana de arqueologia histórica, v. 8, n. 1, p. 1-42, jun. 2014. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/f98efd\\_1b46db0720474fd1a20072910e807bce.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/f98efd_1b46db0720474fd1a20072910e807bce.pdf)>. Acesso em: 20, mar. 2018.

WIKIPÉDIA. Análise de visualizações de páginas. Disponível em: <<https://tools.wmflabs.org/siteviews/?platform=all-access&source=pageviews&agent=user&start=2015-07-01&end=2018-11-20&sites=en.wikipedia.org>> Acesso em: 20, nov. 2018.

WIKIPÉDIA. Zona Leste de São Paulo. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona\\_Leste\\_de\\_S%C3%A3o\\_Paulo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_Leste_de_S%C3%A3o_Paulo)> Acesso em: 18, nov. 2018.